

AVALIAÇÃO SUBJETIVA DAS VARIANTES ALTAS [I] E [U]: INDICADOR, MARCADOR, ESTEREÓTIPO OU FENÔMENO EM UM CONTINUUM?

Eliete Figueira Batista da Silveira

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Silvia Carolina Gomes de Souza Guerreiro

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: O capítulo discute a classificação das categorias de Labov (2008 [1972], 2001) *indicador, marcador e estereótipo*, analisando o alteamento das vogais médias pretônicas. O fenômeno é tradicionalmente classificado como *indicador*. No entanto, o presente estudo verifica, a partir de dois testes de avaliação subjetiva, que transita entre as três categorias, mesmo se avaliado no interior de uma mesma comunidade de fala. No teste de *reação subjetiva*, o alteamento enquadra-se entre as categorias *indicador* e *marcador*. No teste de *insegurança linguística*, o fenômeno se caracteriza como *estereótipo*. No teste de *reação subjetiva*, enquadra-se entre as categorias *indicador* e *marcador*. Com base nesses resultados, defende-se uma nova proposta para as categorias de Labov (2008 [1972], 2001). Postula-se que os fenômenos linguísticos devam ser avaliados num *continuum*, assim como se pretende refletir sobre o papel da avaliação subjetiva na variação e na mudança linguísticas.

INTRODUÇÃO

O presente estudo discute a classificação das categorias de Labov (2008 [1972], 2001) de acordo com a avaliação social da mudança linguística, tendo por objeto de análise o alteamento pretônico. O alçamento constitui um exemplo de fenômeno pandialetal: em todo o território brasileiro, os usuários da língua tendem a produzir a vogal pretônica ora como média fechada (m[e]nino), b[o]nita) ora como alta (m[i]nino, b[u]nita).

Para Labov (2001 [1994], p. 196), os fenômenos linguísticos podem ser classificados em três categorias: *indicador*, *marcador* e *estereótipo*. São considerados *indicadores* os fenômenos que se encontram abaixo da consciência social e, por isso, são “difíceis de serem detectados tanto por linguistas quanto por leigos”. Os estudos sobre o alteamento o enquadram como *indicador*. Por sua vez, *marcadores* são fenômenos que, embora estejam abaixo do nível da consciência, apresentam respostas relevantes nos testes de reação subjetiva. É o caso do alteamento em contextos pouco usuais, como em m[i]lhor e p[u]rtuguês. Por fim, *estereótipos* englobam os fenômenos que estão no nível da consciência social e que, por conseguinte, tendem a ser avaliados negativamente pela comunidade. É o que se observa nos casos de alteamento em itens como t[i][u]ria.

Labov (2008 [1972], 2001) aparentemente interpreta essas categorias como estanques, ou seja, um único fenômeno linguístico somente pode ser classificado em uma única categoria. No entanto, a presente pesquisa defende que não é possível enquadrar o alteamento pretônico em uma única categoria, pois testes de avaliação subjetiva demonstram que esse fenômeno pode apresentar características tanto de *indicador* quanto de *marcador* e de *estereótipo*. Assim, defende-se que as categorias de Labov (2008 [1972], 2001) se encontram em um *continuum* de classificação, uma vez que um mesmo fenômeno variável pode ser classificado nas três categorias – destaque-se, em uma mesma comunidade linguística – a depender dos condicionamentos estruturais e sociais. Com base nisso, intenta-se refletir sobre o papel da avaliação subjetiva na variação e na mudança linguísticas. Entende-se que a tendência à manutenção das médias esteja relacionada ao *status* social prestigiado atribuído ao seu uso, em conformidade com algumas investigações sociolinguísticas que relatam os efeitos do status social de uma variante sobre os falantes (cf. BARBOSA DA SILVA, 2008, nota 7, p. 335; SOUZA, 2017; Batista da Silveira; Avelheda; Souza, 2017; AVELHEDA, 2019; Batista da Silveira; Avelheda BANDEIRA; Souza GUERREIRO, 2020).

Em seu estudo, Gomes de Matos (*apud* BARBOSA DA SILVA, 2008, p. 320-336) menciona que a realização de vogais médias fechadas por falantes cultos, em contextos em que se realizariam como abertas, é condicionada principalmente pela imitação da norma de prestígio dos dialetos do Sul/Sudeste do Brasil.

Segundo a Barbosa da Silva (2008), a rejeição das vogais abertas observada em Gomes de Matos entre os estudantes de Recife indica que o empréstimo de vogais fechadas nessa realidade não passaria *despercebido* (destaque nosso). Assim, 99 dos estudantes inquiridos naquele estudo afirmam que “o sotaque aberto *desembeleza* a fala” (Grifo nosso. BARBOSA DA SILVA, 2008, nota 7, p. 335). Nota-se, dessa forma, a mudança de norma: a variação fonética foi influenciada pelo status das variantes predominantes no Sul/Sudeste. A adequação deve-se à valorização da norma de um determinado grupo sobre outro. Em seu estudo, Barbosa da Silva (1989) afirma que, não obstante haver na região Nordeste uma preferência pelas vogais abertas [ɛ] e [ɔ], as variantes médias altas [e] e [o] são consideradas mais difundidas e prestigiadas.

Confirmam a hipótese de tendência à manutenção das médias [e] e [o] em detrimento das demais variantes altas [i] e [u] e abertas [ɛ] e [ɔ], estudos variacionistas como Avelheda (2013), Souza (2017), Avelheda Bandeira (2019), Barbosa da Silva (2008, 1989), entre outros. Dessa maneira, considera-se relevante analisar o efeito da avaliação subjetiva nos fenômenos de variação e de mudança linguísticas.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A presente pesquisa fundamenta-se em preceitos da Sociolinguística Variacionista Laboviana (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]), que defende a variação como inerente a qualquer sistema linguístico, e ressalta que apesar de uma mudança linguística passar pelo estágio de variação um fenômeno variável não necessariamente pode evoluir a uma mudança. Entende-se que esse seja o caso do alteamento pretônico, fenômeno variável estável, cujos estudos apontam para uma manutenção das variantes médias [e] e [o], em detrimento das altas [i] e [u].

Segundo a Sociolinguística, existem diversos sistemas linguísticos que se encontram disponíveis a todos os falantes de qualquer sexo/gênero, idade e classe social. Logo, os falantes apresentam muitas formas de expressar uma mesma informação. No entanto, elas podem entrar em competição, resultando: (i) na coexistência de duas variantes, ou seja, na variação linguística; ou (ii) no desaparecimento de uma variante, isto é, na mudança linguística. Toda mudança

linguística apresenta, portanto, um estágio de variação, mas nem toda variação culmina em uma mudança.

Labov (2008 [1972]) afirma que um dos grandes problemas da mudança linguística é a *avaliação*, uma vez que os usuários da língua tendem a avaliar negativamente as variantes linguísticas distintas da norma socialmente aceita. Os pesquisadores Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 36) defendem a importância de realizar estudos a respeito das avaliações subjetivas, ou seja, das normas *encobertas* de uma dada comunidade, pois a não implementação de uma mudança linguística pode ser motivada por uma avaliação negativa de determinada variante. Segundo os autores,

(...) correlatos subjetivos da mudança são por natureza mais categóricos do que os padrões cambiantes do comportamento: a investigação destes correlatos aprofunda nosso entendimento dos modos como a categorização discreta é imposta ao processo de mudança.

O problema da avaliação está diretamente relacionado ao nível de consciência que usuários da língua possuem em relação aos fenômenos linguísticos em variação. Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 36) “(...) o nível de consciência social é uma propriedade importante da mudança linguística que tem de ser determinada diretamente”. Assim, baseando-se no problema da avaliação, Labov (2008 [1972]) defende a necessidade de observar as avaliações subjetivas dos falantes e propõe uma análise a partir de três categorias: (i) *indicador*; (ii) *marcador*; e (iii) *estereótipo*.

O fenômeno linguístico é classificado como *indicador* se está abaixo do nível da consciência social. O usuário da língua não observa/percebe/identifica a variação linguística, por isso, não emite nenhum julgamento em relação à pessoa que o realiza. Além disso, caracteriza-se como uma mudança vinda de baixo, pois “a variável não apresenta nenhum padrão de variação estilística na fala daqueles que a usam, afetando todos os itens numa dada classe de palavras”.

Na categoria *marcador*, incluem-se os fenômenos que se encontram abaixo no nível da consciência social. Nesse caso, os usuários da língua não identificam claramente a diferença existente entre duas variantes, mas observam que há alguma distinção entre elas e tendem a julgar a variante de acordo com um padrão estabelecido pela sociedade. Segundo Labov (2008 [1972], p. 360; LABOV, 2003, p. 241-243), os *marcadores* “embora possam estar abaixo do nível da consciência, produzirão respostas em teste de reação subjetiva”.

Por último, o fenômeno linguístico é interpretado como *estereótipo* se está no nível da consciência social. Os falantes observam/percebem/identificam o fenômeno em variação e avaliam negativamente as pessoas que utilizam a variante distinta da norma prestigiada pela sociedade. Segundo Batista da Silveira, Avelheda e Souza (2017, p. 24), “cabe destacar que não necessariamente uma mudança vinda de cima (ou de uma forma prestigiosa) está de acordo com a norma padrão; sua classificação como prestigiosa se deve ao uso pela classe de maior poder social”.

Para Labov (2008 [1972]), essas categorias são estanques, ou seja, um fenômeno linguístico só poderá ser classificado em apenas uma categoria. No entanto, estudos recentes verificaram que duas comunidades podem ter classificações distintas para um mesmo fenômeno linguístico em variação. Por exemplo, na comunidade X, o fenômeno é *indicador* e, na comunidade Y, é *marcador*. Oushiro (2015, p. 72), ao analisar a realização variável de /e/ nasal como monotongo [ẽ] ou ditongo [ẽj] (*ent[e]nd[e]ndo, diz[e]ndo, faz[e]ndo*), observa que a “variável [ẽ j] pode ser caracterizada como um *marcador* para os paulistanos e como *estereótipo* para os não paulistanos”. No entanto, a presente pesquisa observará que uma mesma comunidade linguística pode apresentar classificações distintas para um mesmo fenômeno, no caso, o alteamento pretônico.

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]) destacam: (i) a importância de se investigar as atitudes sociais dos falantes em relação à língua; e (ii) a necessidade de conciliar a metodologia dos estudos de avaliação subjetiva com a Teoria Sociolinguística. Seguindo tais orientações, para observar as atitudes e as avaliações subjetivas do usuário da língua em relação aos fenômenos linguísticos são construídos testes de atitudes. No presente estudo, foram aplicados dois testes de atitude: *reação subjetiva* e *insegurança linguística*.

METODOLOGIA

A presente pesquisa utiliza dois testes que foram aplicados por Souza (2017) em sua dissertação: *reação subjetiva* e *insegurança linguística*. Souza (2017), presencial e individualmente, aplicou os testes a 20 informantes (10 homens e 10 mulheres), todos moradores da cidade do Rio de Janeiro.

No teste de *reação subjetiva*, os participantes ouviram um áudio com as vogais pretônicas realizadas alteadas na fala de um único indivíduo (*Hoje é o da nossa filha [I]stefani. Nosso c[u]mpadre é D[u]mingos e nossa c[u]madre é [I]stela. [I]stefani está com um lindo v[i]stido branco. Após o batismo, vamos*

fazer uma festa muito b[u]nita com muita c[u]mida e b[i]bida. Nós pegamos um [i]mpréstimo para fazer a festa.).

No total, esse teste é composto por 26 frases afirmativas, sendo 16 frases de avaliação positiva (ex.: (i) *Esta pessoa se orgulha de sua maneira de falar*; (ii) *Esta pessoa se expressa bem*; e (iii) *Esta pessoa possui boa condição financeira*) e 10 frases de avaliação negativa (ex.: (i) *Esta pessoa sente vergonha de falar assim*; (ii) *Esta pessoa é antipática*; e (iii) *Esta pessoa sente preconceito pelo modo de falar*).

Além disso, o teste de reação subjetiva baseia-se na proposta de Botassini (2013) que divide as frases em três aspectos relativos ao usuário da língua sob avaliação: *competência* (ex.: (i) *Esta pessoa tem nível superior*; e (ii) *Esta pessoa tem vergonha de falar assim*); *integridade pessoal* (ex.: (i) *Esta pessoa é de confiança*; e (ii) *Esta pessoa é grosseira*); e *atratividade social* (ex.: (i) *Esta pessoa é simpática*; e (ii) *Esta pessoa é feia*).

Após ouvir o áudio, os participantes tinham de marcar em uma escala de 1 a 5 se concordavam com as frases de avaliação positiva. Estabeleceu-se que o grau 1 indicava a não concordância com a frase; o grau 3, relativa neutralidade; e o grau 5, concordância com a proposição exposta na frase. O principal objetivo do teste de reação subjetiva era observar se os participantes avaliavam negativamente o falante pela variante pretônica utilizada.

O teste de insegurança linguística constituiu-se de uma entrevista. Primeiramente, a pesquisadora pediu para o participante escutar dois áudios de um mesmo trecho (*Beatriz escolheu um tecido na loja para fazer um vestido. A costureira Domingas fez um vestido muito bonito para ela*). No primeiro áudio, as vogais pretônicas foram realizadas como médias fechadas e, no segundo áudio, as vogais pretônicas foram produzidas alteadas. Após ouvir os áudios, a pesquisadora pediu para os informantes dizerem se produziram a frase: (i) como o primeiro áudio; (ii) como o segundo áudio; ou (iii) misturariam algumas palavras do primeiro e do segundo áudios, ou seja, variariam na pronúncia das variantes pretônicas. O objetivo é observar com qual variante o avaliador se identifica e qual efetivamente realiza, a fim de comprovar se as respostas das pessoas refletem a forma que elas acreditam gozar ou ser a ‘correta’, mas efetivamente não realizam (cf. LABOV, 2008 [1972], p. 248).

DISCUSSÃO

Teste de reação subjetiva

O teste de reação subjetiva visa observar se os participantes tendem a julgar negativamente o falante que utiliza as variantes alteadas das vogais médias pretônicas. Como dito, em sua maioria, os estudos afirmam que o alteamento é caracterizado como *indicador*, uma vez que diferentes pessoas de diversos contextos sociais tendem a produzir o fenômeno. No entanto, análises mais recentes sobre a avaliação subjetiva do alçamento (SOUZA, 2017; AVELHEDA BANDEIRA, 2019; BATISTA DA SILVEIRA; AVELHEDA BANDEIRA; SOUZA GUERREIRO, 2020) apontam que o fenômeno pode ser classificado, em *continuum*, nas três categorias de Labov (2008 [1972]) *indicador*, *marcador* e *estereótipo*.

Como relatado na metodologia, no teste de reação subjetiva, os participantes responderam se concordavam com 26 frases, sendo 16 de julgamento positivo do falante e 10 de julgamento negativo. Dentre as 16 frases positivas, 8 referiam-se à *Competência*; 3 à *Integridade Pessoal*; e 5 à *Atratividade Social*. Em relação às frases de julgamento negativo, 4 remetiam à *Competência*; 4 à *Integridade pessoal*; e 2 à *Atratividade social*. Na próxima subseção, serão apresentados os resultados obtidos para as frases de julgamento positivo do falante.

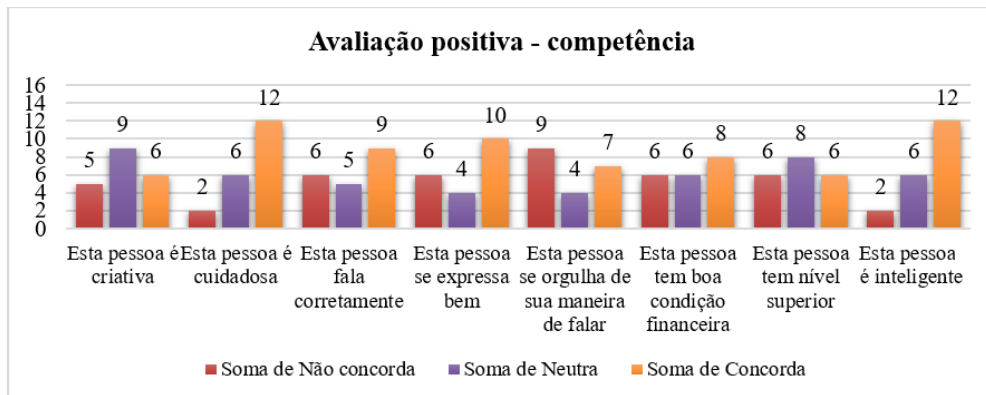
Frases de avaliação positiva

A não concordância com a frase significa que o participante avalia negativamente o falante do áudio. Já a concordância indica que ele não julga negativamente o falante pela maneira como se expressa.

Competência

Foram selecionadas da Tese de Botassini (2013) 8 frases positivas que tinham como característica avaliar a *Competência* do falante do áudio. Assim, 20 informantes responderam a 8 perguntas relacionadas à *Competência*, chegando a um total de 160 respostas. Os resultados gerais mostram que 42 respostas apontaram discordância com o julgamento positivo do falante, 48 indicaram neutralidade e 70 revelaram que os participantes concordaram com o julgamento. No gráfico a seguir, observam-se as respostas dadas pelos participantes:

Gráfico 1 – Avaliação positiva – competência.



Fonte: Autoral

Observa-se que, em relação às frases: (i) *Esta pessoa é criativa* – 5 informantes discordaram, 9 declararam-se neutros e 6 concordaram; (ii) *Esta pessoa é cuidadosa* – 2 discordaram, 6 não demarcaram posição e 12 concordaram; (iii) *Esta pessoa fala corretamente* – 6 discordaram, 5 disseram-se neutros e 9 concordaram; (iv) *Esta pessoa se expressa bem* – 6 discordaram, 4 foram imparciais e 10 concordaram; (v) *Esta pessoa se orgulha de sua maneira de falar* – 9 discordaram, 4 não se posicionaram e 7 concordaram; (vi) *Esta pessoa tem boa condição financeira* – 6 discordaram, 6 foram imparciais e 8 concordaram; (vii) *Esta pessoa tem nível superior* – 6 discordaram, 8 foram neutros e 6 concordaram; e (viii) *Esta pessoa é inteligente* – somente 2 discordaram, 6 indicaram neutralidade e 12 concordaram.

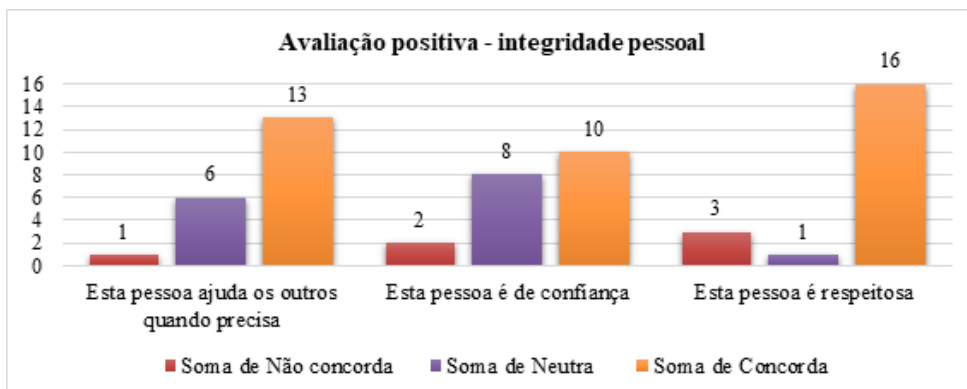
De uma maneira geral, a maioria dos participantes tende a não julgar negativamente a Competência do falante que realiza o alçamento. Somente na frase “*Esta pessoa se orgulha de sua maneira de falar*”, verifica-se um número maior de participantes que discorda da avaliação positiva, ou seja, que entende que a pessoa que se utiliza das variantes altas das vogais pretônicas não têm orgulho do seu modo de falar. Verificam-se em todas as sentenças algumas avaliações negativas. Tal resultado sugere que o alçamento pretônico não se encontra abaixo do nível da consciência do informante, uma vez que o fenômeno foi notado pelos avaliadores.

Integridade pessoal

As frases positivas relativas ao aspecto *Integridade Pessoal* caracterizam o falante do áudio como uma pessoa (i) de confiança; (ii) respeitosa; e (iii) que ajuda os outros quando precisam. Vinte participantes responderam 3 perguntas

referentes a esse aspecto, totalizando, assim, 60 respostas. Os resultados gerais revelaram que 6 respostas foram de não concordância com a avaliação positiva, 15 indicaram neutralidade e 39 concordaram com o julgamento.

Gráfico 2 – Avaliação positiva – integridade pessoal.



Fonte: Autoral

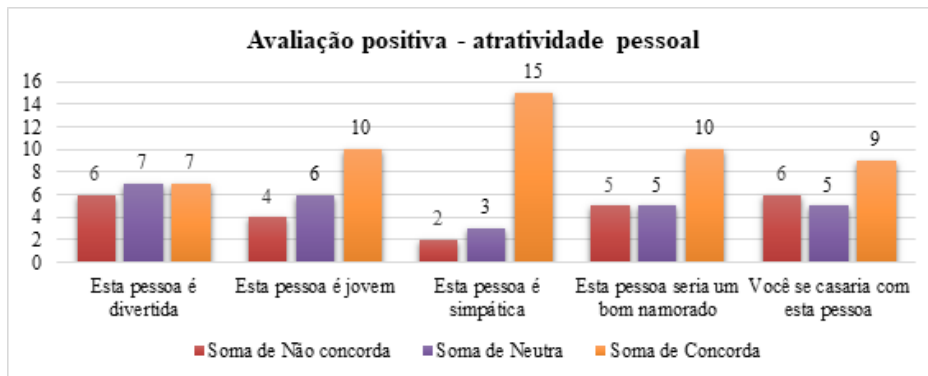
No gráfico anterior, verifica-se que, com relação às declarações: (i) *Esta pessoa ajuda os outros quando precisa* – 1 participante discordou, 6 declararam-se neutros e 13 concordaram; (ii) *Esta pessoa é de confiança* – 2 discordaram, 8 não se posicionaram e 10 concordaram; e (iii) *Esta pessoa é respeitosa* – 3 discordaram, somente 1 mostrou-se neutro e 16 concordaram com a avaliação.

Os resultados indicam que o falante que produz o alçamento pretônico não costuma ser avaliado negativamente por sua *Integridade pessoal*. Diferentemente do aspecto *Competência*, observa-se que apenas 6 participantes o avaliaram dessa forma.

Atratividade pessoal

Foram selecionadas 4 sentenças relativas à *Atratividade Social* do falante. Vinte pessoas responderam 5 questões, chegando-se, assim, a um total de 100 respostas. Os resultados gerais revelaram que 23 respostas foram de não concordância com a avaliação positiva, 26 indicaram neutralidade e 51 concordaram com a avaliação.

Gráfico 3 – Avaliação positiva – atratividade pessoal.



Fonte: Autoral

Em relação às afirmativas, nota-se que: (i) *Esta pessoa é divertida* – 6 informantes discordaram, 7 declararam-se neutros e 7 concordaram; (ii) *Esta pessoa é jovem* – 4 discordaram, 6 não se posicionaram e 10 concordaram; (iii) *Esta pessoa é simpática* – 2 discordaram, 3 disseram-se neutros e 15 concordaram; (iv) *Esta pessoa seria um bom namorado* – 5 discordaram, 5 indicaram neutralidade e 10 concordaram; e (v) *Você se casaria com esta pessoa* – 6 discordaram, 5 mostraram-se neutros e 9 concordaram.

Nas frases positivas, observa-se que a maioria dos participantes não julga negativamente a *atratividade pessoal* do falante. No entanto, observam-se avaliações negativas referentes a esse aspecto. Esses resultados sugerem que o fenômeno não se encontra abaixo do nível da consciência dos informantes, não sendo possível afirmar categoricamente que o alteamento é *indicador*, pois há avaliações negativas nos testes de avaliação subjetiva.

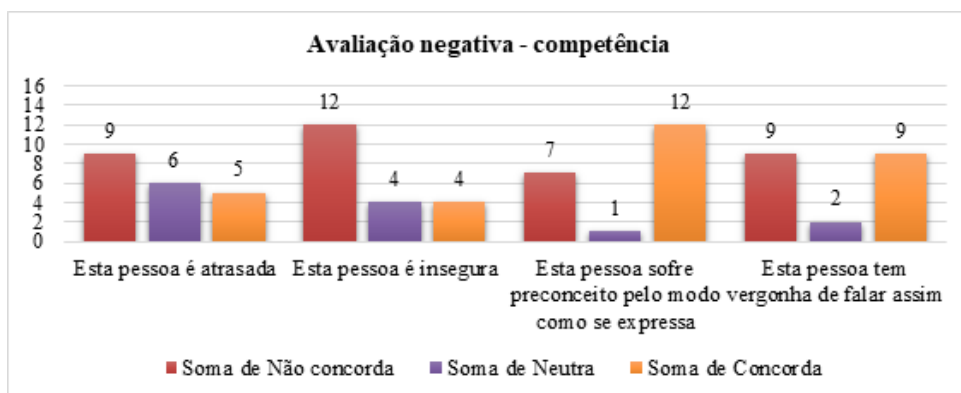
Avaliações negativas

A concordância com a frase negativa significa que o participante avalia negativamente o falante que produz o alteamento. Já a não concordância significa que o participante do teste não o julga negativamente.

Competência

Foram selecionadas da tese de Botassini (2013) quatro frases referentes à *Competência* do falante. Vinte participantes responderam quatro questões referentes ao aspecto *Competência*, obtendo-se, assim, um total de 80 respostas. Os resultados gerais revelaram que 37 respostas foram de discordância com a frase, 13 indicaram neutralidade e 30 foram de concordância de avaliação negativa.

Gráfico 4 – Avaliação negativa – competência.



Fonte: Autoral

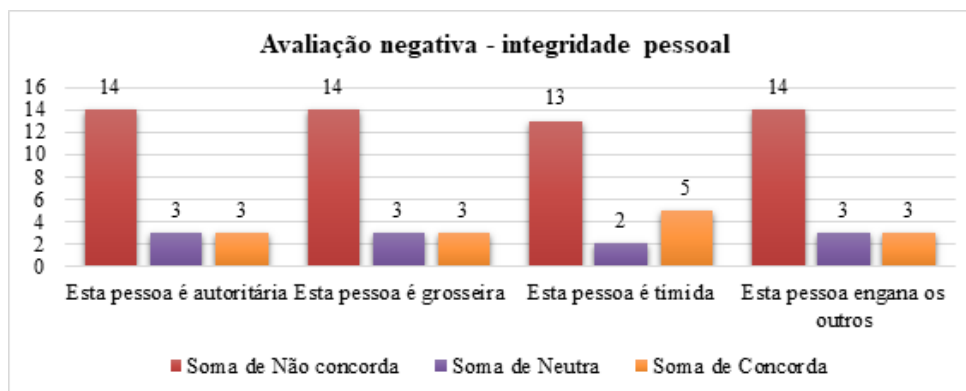
Com relação ao grau de concordância com as afirmativas, os resultados foram: (i) *Esta pessoa é atrasada* – 9 participantes discordaram, 6 declararam-se neutros, 5 concordaram; (ii) *Esta pessoa é insegura* – 12 discordaram, 4 não se posicionaram e 4 concordaram; (iii) *Esta pessoa sofre preconceito pelo modo como se expressa* – 7 discordaram, 1 mostrou-se neutro, 12 concordaram; e (iv) *Esta pessoa tem vergonha de falar assim* – 9 discordaram, 2 disseram-se neutros e 9 concordaram.

Nas frases de avaliação negativa, verifica-se que a maioria dos participantes não tende a avaliar negativamente o aspecto *Competência* do falante. No entanto, quando a afirmativa se refere ao modo de falar (*Esta pessoa sofre preconceito pelo modo de falar, Esta pessoa tem vergonha de falar assim*), 20 participantes avaliam negativamente a *Competência* do falante.

Integridade pessoal

Para o aspecto *Integridade pessoal*, foram selecionadas frases de avaliação negativa que caracterizavam o falante como: *autoritário, grosseiro, tímido e enganador*. Vinte informantes responderam quatro questões relativas a esse quesito, alcançando, assim, um total de 80 respostas. Os resultados gerais mostraram que 55 respostas foram de não concordância, 11 indicaram neutralidade e 14 demonstraram concordância com a avaliação negativa.

Gráfico 5 – Avaliação negativa – integridade pessoal.



Fonte: Autoral

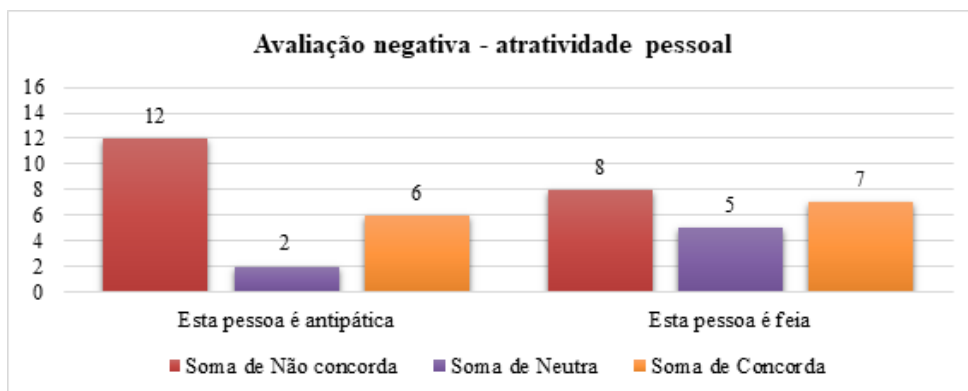
Os resultados do gráfico anterior revelaram que, no que tange às afirmativas: (i) *Esta pessoa é autoritária* – 14 avaliadores discordaram da frase, 3 declararam-se neutros e 3 concordaram; (ii) *Esta pessoa é grosseira* – 14 discordaram, 3 mostraram-se neutros e 3 concordaram; (iii) *Esta pessoa é tímida* – 13 discordaram, 2 disseram-se neutros e 5 concordaram; e (iv) *Esta pessoa engana os outros* – 14 discordaram, 3 indicaram neutralidade e 3 concordaram com a avaliação.

De um modo geral, os resultados indicam que a maioria das pessoas tende a não avaliar negativamente a *Integridade pessoal* do falante que realiza o alteamento. Entretanto, há um pequeno número de julgadores que o julgou desse modo. Comparando as frases de avaliação positiva e negativa, observa-se que os participantes tendem a não avaliar negativamente a *Integridade pessoal* do falante pela utilização das variantes altas.

Atratividade Pessoal

No aspecto *atratividade social*, foram selecionadas frases de julgamento negativo que caracterizavam o falante como: *antipático* e *feio*. Vinte participantes responderam a duas questões referentes a esse aspecto, tendo-se, assim, um total de 40 respostas. Os resultados gerais indicam que 20 respostas foram de não concordância, 7 de neutralidade e 13 de concordância com a avaliação negativa.

Gráfico 6 – Avaliação negativa – atratividade pessoal.



Fonte: Autoral

No gráfico anterior, verifica-se que em: (i) *Esta pessoa é antipática* – 12 avaliadores discordaram, 2 indicaram neutralidade e 6 concordaram; e (ii) *Esta pessoa é feia* – 8 não concordaram, 5 declararam-se neutros e 7 concordaram com o julgamento negativo do falante.

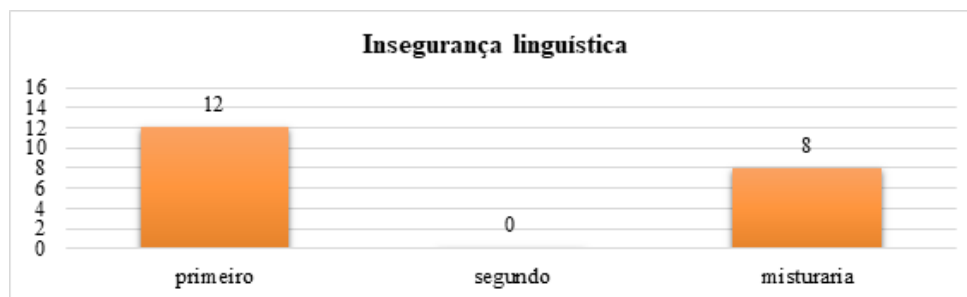
De um modo geral, os resultados indicam que a maioria dos participantes não tendem a avaliar negativamente a *atratividade pessoal* do falante que produz o alçamento. No entanto, verifica-se que 6 participantes concordaram que o falante é *antipático* e 7 o julgaram como *feio*. Em outras palavras, 13 informantes avaliaram negativamente o falante que usa as variantes alteadas. Logo, não se pode classificar categoricamente o alçamento como *marcador*, pois, de acordo com Labov (2008 [1972]), são considerados *marcadores* os fenômenos linguísticos que se encontram abaixo do nível da consciência do informante, mas produzem respostas relevantes nos testes de avaliação subjetiva. Comparando as frases de avaliação positiva e negativa, observa-se, enfim, um número expressivo de participantes que avalia negativamente o falante pela maneira como se expressa.

Teste de insegurança linguística

Como descrito na metodologia, no teste de *insegurança linguística*, o participante ouviu dois áudios de um mesmo trecho (*Beatriz escolheu um tecido na loja para fazer um vestido. A costureira Domingas fez um vestido muito bonito para ela*). No primeiro, o falante produziu as vogais pretônicas médias fechadas [e] e [o], enquanto, no segundo áudio, o falante realizou o alteamento dessas vogais. Após ouvir os áudios, a pesquisadora perguntou aos participantes: “Se você falasse

esse trecho, seria como o primeiro áudio, como o segundo áudio ou misturaria algumas palavras do primeiro e do segundo áudio?”

Gráfico 7 – Teste de insegurança linguística.



Fonte: Autoral

De um total de 20 participantes, 12 disseram que falariam como no primeiro áudio, ou seja, empregando as variantes fechadas. Nenhuma pessoa respondeu que falaria como no segundo áudio, isto é, produziriam o alteamento. Finalmente, apenas 8 participantes declararam que misturariam as palavras do primeiro e do segundo áudio, ou seja, reconhecem a variação linguística em sua fala.

Após responder à pergunta, solicitou-se que o participante lesse o trecho do áudio e todos os informantes realizaram o alteamento em alguma palavra. Tal resultado vai ao encontro da proposta defendida por Labov (2008 [1972], p. 248) de que “indagadas sobre quais dentre várias formas são características de sua própria fala, as respostas das pessoas refletem a forma que elas acreditam gozar ou ser a ‘correta’, mas do que elas empregam”.

Entende-se que a não escolha da variante alteada esteja relacionada especificamente ao alteamento da palavra *tecido*. O vocábulo *tecido* apresenta contexto fonético favorecedor para o alteamento, a presença da vogal alta na sílaba seguinte. Em princípio, tem-se a hipótese de que os falantes tendem a não julgar as palavras que apresentam contexto fonético favorecedor, seja por harmonização vocálica seja por travamento silábico por /S/, uma vez que essas palavras costumam ser realizadas alteadas. Entretanto, a palavra *tecido* não é frequentemente alteada no vocabulário do falante carioca. Entende-se que os falantes estranharam o alçamento nesse vocábulo, por isso, julgaram que estava errado pronunciar a palavra como *t[i]cido* e disseram que não falariam desse modo.

É possível afirmar que o teste de *insegurança linguística* demonstrou que o fenômeno se encontra acima do nível da consciência do informante, pois todos os entrevistados identificaram as realizações alteadas e as julgaram como incorretas.

CONCLUSÃO

O teste de *reação subjetiva* demonstrou que a maioria dos informantes não avaliou negativamente o usuário das variantes alteadas. No entanto, no aspecto *Competência*, surgiram algumas avaliações negativas, principalmente se as frases se referem ao modo de a pessoa falar. A maioria dos participantes avaliou positivamente a *Integridade pessoal* do falante do áudio. Ao mesmo tempo, um número expressivo julgou negativamente o falante usuário das variantes altas no que se refere à *atratividade pessoal*.

De uma maneira geral, apesar de haver avaliações positivas, observa-se no teste de *reação subjetiva* que o falante também foi avaliado negativamente. Em todas as frases, quer de avaliação positiva quer de avaliação negativa, em todos os três aspectos observados (*Competência*, *Integridade Pessoal*, *Atratividade pessoal*), houve avaliações negativas. Por isso, não é possível afirmar categoricamente que o fenômeno é *indicador*, uma vez que se verifica algum nível de consciência. A análise sociolinguística empreendida no teste de *reação subjetiva* permite propor, nesse caso, que o alteamento estaria entre as categorias de *marcador* e *indicador*, já que se trata de um fenômeno cuja mudança vem de baixo, e que se encontra abaixo do nível da consciência do informante, mas que apresenta respostas “relevantes aos testes de reação subjetiva” (cf. LABOV, 2008, p. 36).

No teste de *insegurança linguística*, o fenômeno encontra-se acima do nível da consciência do falante. Os participantes avaliaram negativamente as variantes alteadas, classificando-as como erradas e disseram que não as produziriam. Considerando-se, então, que as categorias propostas por Labov (2008 [1972]) se encontram em um *continuum*, entende-se que o fenômeno do alteamento estaria entre as categorias *marcador* e *estereótipo*, uma vez que o fenômeno está acima do nível da consciência do informante. Além disso, o usuário da língua tende a julgar como erradas as variantes que diferem ou se distanciam de uma suposta norma padrão.

É importante esclarecer que as diferentes classificações *indicador*, *marcador* e *estereótipo* aparentemente estão diretamente relacionadas à: (i) presença de contexto favorecedor; e (ii) frequência da realização alteada no vocabulário dos participantes.¹

¹ Com o propósito de observar a frequência das realizações alteadas utilizou-se o *corpus* de Souza (2017) e de Avelheda (2013). Estabeleceram-se dois critérios: (i) os itens frequentes e menos salientes apresentam mais de 10 ocorrências no *corpus* e mais de 50% de alteamento; e (ii) os itens menos frequentes e mais salientes apresentam menos de 10 ocorrências alteadas no *corpus* e menos de 50% de alteamento.

No teste de *reação subjetiva*, a maioria das palavras realizadas alteadas ([I]stefani, c[u]mpadre, D[u]mingos, [I]stela, v[i]stido, b[u]nita, c[u]mida, b[i]bida, [i]mpréstimo) apresentava contexto favorecedor para o alteamento, quer seja o travamento silábico por sibilante ou nasal, quer seja a presença de uma vogal alta na sílaba seguinte. Já a palavra que não possui contexto favorecedor (c[u]madre) é frequentemente alteada pelos falantes cariocas. Entende-se que o contexto favorecedor e a alta frequência da realização alteada fizeram com que os participantes não percebessem e nem avaliassem negativamente o falante, pois essas palavras são comumente alteadas no seu dia a dia e, por isso o alteamento se apresentou entre as categorias *indicador* e *marcador*.

No teste de *insegurança linguística*, a maioria das palavras alteadas também apresentava contextos favorecedores para o alteamento: (i) hiato (B[i]atriz); (ii) estrutura silábica travada por sibilante (v[i]stido, c[u]stureira); e (iii) a vogal alta na sílaba seguinte (v[i]stido, c[u]stureira, b[u]nito). Todos esses vocábulos são frequentemente alteados no vocabulário do falante carioca. A palavra *tecido* apresenta vogal alta na sílaba seguinte, mas não é frequentemente alteada na fala carioca. Entende-se que o alteamento na palavra *tecido* causou estranhamento aos respondentes, eles perceberam o fenômeno e o julgaram como errado. Segundo Batista da Silveira, Avelheda Bandeira e Souza Guerreiro (2020, p. 36), “há casos de alteamento que podem chegar mesmo a constituir um *estereótipo*: cat[i]g[u]ria, acad[i]mia, d[u]cumentos, pr[u]fissional, ocorrências que não são comumente registradas na fala carioca e que causam estranhamento aos respondentes”.

Portanto, com base nos resultados, defende-se a reanálise da classificação estanque das categorias de Labov (2008 [1972]), uma vez que este estudo comprovou que um fenômeno linguístico avaliado em uma mesma comunidade – a de falantes cariocas – pode transitar entre as três categorias. Além disso, propõe-se que a avaliação subjetiva seja incluída como um condicionamento importante para explicar a manutenção de uma determinada variante de um fenômeno linguístico variável. Um exemplo da relevância da avaliação subjetiva é a tendência à manutenção das vogais médias [e] e [o] em posição pretônica, uma vez que falantes da norma de prestígio – aquela dominada pelo grupo social dominante e relacionada às regiões Sul e Sudeste – avaliam positivamente essas variantes, conforme atestam os estudos linguísticos de caráter variacionista, bem como os testes experimentais aqui apresentados.

REFERÊNCIAS

- AVELHEDA, Anna Carolina. *O alteamento das vogais médias pretônicas no município de Nova Iguaçu: análises sociolinguística e acústica*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2013.
- AVELHEDA BANDEIRA, Anna Carolina. *Alteamento pretônico no Rio de Janeiro: avaliação subjetiva e fatores condicionantes*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2019.
- BARBOSA DA SILVA, Myrian. *As pretônicas no falar baiano*. 1989. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 1989.
- BARBOSA DA SILVA, Myrian. Pretônicas fechadas na fala culta de Recife. In: VOTRE, Sebastião; RONCARATTI, Cláudia (org.). *Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: FAPERJ; 7Letras, 2008. P. 320-336.
- BATISTA DA SILVEIRA, Eliete Figueira. *Vogais pretônicas no Português Brasileiro e Europeu*. 2014. 42 f. Relatório (Pós-Doutoramento em Língua Portuguesa) – Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Universidade de Lisboa, Lisboa.
- BATISTA DA SILVEIRA, Eliete Figueira; SOUZA, Silvia Carolina. Alteamento das médias pretônicas no município do Rio de Janeiro: décadas de 70, 90 e 2010. *Web-Revista Sociodialeto*, v. 4, p. 192-218, 2014. Disponível em: www.sociodialeto.com.br/edicoes/17/31052014040825.pdf. Acesso em: 9 set. 2016.
- BATISTA DA SILVEIRA, Eliete Figueira; MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. O Tratamento da relação entre variação, mudança e gramática em livros didáticos do ensino médio. *Signum: Estudos da Linguagem*, [S.l.], v. 18, n. 1, p. 10-36, jan. 2015. ISSN 2237-4876. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/18342>. Acesso em: 14 jun. 2021. Doi:<http://dx.doi.org/10.5433/2237-4876.2015v18n1p10>.
- BATISTA DA SILVEIRA, Eliete Figueira; AVELHEDA, Anna Carolina. *Resquícios: o que sobrou do contato no caso das pretônicas*. Veredas On-Line, vol. 19, n. 1, 2015, p. 106-127. PPG Linguística/UFJF, Juiz de Fora. ISSN: 1982-2243.
- BATISTA DA SILVEIRA, Eliete Figueira; AVELHEDA, Anna Carolina. Vogais médias pretônicas: uma análise pancrônica. In: VII Congresso Internacional da ABRALIN, 2011, Curitiba. *Anais VII Congresso Internacional da ABRALIN*, 2011a. V. 1. P. 465-479.

BATISTA DA SILVEIRA, Eliete Figueira; AVELHEDA, Anna Carolina. Alçamento das vogais médias pretônicas nas cidades de São Fidélis e Rio de Janeiro: uma análise comparativa. In: VII Congresso Internacional da ABRALIN, 2011, Curitiba. *Anais do VII Congresso Internacional da ABRALIN*, 2011b, v. 1, p. 450-464.

BATISTA DA SILVEIRA, Eliete Figueira; AVELHEDA, Anna Carolina; SOUZA, Silvia Carolina. *Avaliação do uso variável das vogais pretônicas: estudos preliminares de crenças e atitudes*. Letrônica. Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 293-312, jan.-jun. 2017.

BATISTA DA SILVEIRA, Eliete Figueira; AVELHEDA BANDEIRA, Anna Carolina; SOUZA GUERREIRO, Silvia Carolina. Uma análise do alçamento pretônico à luz das categorias propostas por Labov. *Linguística: revista de estudos linguísticos da Universidade do Porto*. Porto, v. 15, 2020.

BOTASSINI, Jaqueline. *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em coda silábica no norte do Paraná*. Tese de Doutorado. Londrina: UEL, 2013.

CALLOU, Dinah Maria Isensee; LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 6. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LABOV, William. *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Vol. 1. Blackwell Publishers, 2001a [1994].

LABOV, William. *Principles of Linguistic Change: Social Factors*. Vol. 2. Blackwell Publishers, 2001b [1994].

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre; Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

OUSHIRO, Livia. *Identidade na Pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado. USP/FL. São Paulo, 2015.

SILVA, Myriam Barbosa da. Uma possível história das pretônicas brasileiras *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 9, número 2, dezembro de 2013. ISSN 1808-835X 1. [<http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>].

SOUZA, Silvia Carolina. *Alçamento das vogais médias pretônicas no município do Rio de Janeiro: Décadas 70, 90 e 2010 / Estudo de Crenças e Atitudes*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2017.

VIEGAS, Maria do Carmo. *Alçamento de vogais pretônicas: uma abordagem sociolinguística*. Dissertação de Mestrado. UFMG/FL. Belo Horizonte, 1987.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

